

MOTIVAÇÃO E ANSIEDADE: A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ESCRITA EM LÍNGUA INGLESA

Neuda Alves do Lago – neudalago@hotmail.com

Marrine Oliveira Sousa – marrine@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás / CAJ

Universidade Federal de Goiás /CAJ

Resumo

Neste trabalho, apresentamos os resultados de uma pesquisa sobre alguns fatores afetivos que influenciam a aprendizagem da escrita em língua inglesa, mais notadamente a motivação e a ansiedade. O trabalho faz parte do projeto Explorando o Domínio Afetivo na Aprendizagem da Escrita em Língua Inglesa, financiado pelo programa PROLICEN-UFG. Utilizamos, predominantemente, para a realização desse estudo, métodos quantitativos, embora tenhamos nos valido também, tanto na coleta quanto na análise dos dados, de métodos qualitativos. A pesquisa se deu em salas de aula de Inglês como Língua Estrangeira (LE) em duas instituições distintas, sendo a primeira uma sala de aula de 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual, e a segunda uma turma de 6º período do curso de Letras Inglês de uma universidade federal. Os alunos que participaram de nossa pesquisa se mostraram, no geral, como aprendizes com motivações instrumentais acerca do inglês, como a obtenção de boas notas ou a conquista de um futuro emprego; alguns dos participantes se mostraram como alunos pouco ansiosos, enquanto outros apresentaram grau alto de ansiedade no que tange à escrita em língua estrangeira.

Palavras-chave: *escrita, afetividade, língua estrangeira*

Área Temática: **Linguagem e cognição no ensino-aprendizagem.**

Introdução

A valorização do Domínio Afetivo no campo de aprendizagem de línguas estrangeiras tem se solidificado continuamente, a partir da década de 70, com o surgimento dos estudos humanistas (ARNOLD e BROWN, 1999). Dentre os fatores afetivos comumente explorados nessa área, encontram-se a autoestima, motivação, ansiedade, crenças, extroversão/introversão e atitude. O projeto ao qual o presente estudo se associa (Explorando o Domínio Afetivo na Aprendizagem da Escrita em Língua Inglesa, financiado pelo programa PROLICEN-UFG) faz uma verificação ampla daqueles fatores. Neste trabalho, enfocamos dois desses fatores que têm tido, comprovadamente, um impacto profundo na experiência de aprender uma outra língua, que não a materna: a motivação e a ansiedade. Os dados que aqui apresentamos foram coletados no segundo semestre de

2010, em uma escola estadual do nível médio e em uma universidade federal. Buscamos perceber as impressões dos alunos acerca de sua motivação e ansiedade ao passarem pelo processo de aprendizagem da escrita em língua inglesa.

O presente trabalho de iniciação científica teve como objetivo principal investigar dois fatores afetivos que influenciam no processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira (LE), mais especificamente a motivação e ansiedade. Quanto aos objetivos específicos, pretendíamos: (1) verificar as impressões dos alunos acerca da influência da sua motivação e ansiedade na aprendizagem de escrita em língua inglesa como LE; (2) investigar como os alunos sentem-se no que se refere aos fatores afetivos, quando seus textos são submetidos às formas de correção utilizadas pelos seus professores; (3) comparar os dados obtidos nesta pesquisa com aqueles obtidos na versão anterior deste Projeto (01 de agosto de 2009 a 31 de julho de 2010). (4) oferecer ao campo de Linguística Aplicada e, mais especificamente aos estudos de Aquisição de Segunda Língua, dados importantes que, de alguma forma, possam contribuir para o processo de ensino/aprendizagem de escrita em LE.

Justificativa

Não há dúvidas de que o domínio afetivo mostra-se, hoje, como um fator de grande importância no que diz respeito ao processo de ensino/aprendizagem, já que suas variáveis interferem tanto na promoção como na inibição da aprendizagem de uma LE, dependendo tanto da positividade como da negatividade da mesma (RICHARD-AMATO, 1988). Por esse fato, os estudos sobre afetividade vêm crescendo cada vez mais no campo de estudos de Aquisição de Segunda Língua.

Schumann (1997) levanta a bandeira de que não há cognição sem emoção. Damasio (1994) partilha da mesma opinião. Segundo ele, levando-se em consideração questões neurobiológicas, é impossível dissociar a afetividade da racionalidade, e a aprendizagem de LE não foge a essa regra, sendo impossível separar as emoções da razão nas diversas situações de aprendizagem. A solução é a aceitação de que ambos os domínios não podem se dissociar, e a percepção de que é necessário trabalhar o domínio afetivo dos alunos, já que o desenvolvimento da inteligência está intimamente ligado ao desenvolvimento da afetividade (ALMEIDA, 1999).

Conforme salientado por Figueiredo (2005), a escrita é uma atividade tanto cognitiva como emocional, uma vez que sentimos e pensamos durante seu processo. Baseando-nos, então, nas teorias sobre a afetividade na aprendizagem de LE, cremos piamente que os professores deveriam estar mais atentos quanto a esses fatores, já que o desenvolvimento

da inteligência (domínio cognitivo) está intimamente ligado com o desenvolvimento da afetividade (domínio afetivo).

Pretendemos, então, através desta pesquisa, fazer uma associação entre as teorias lidas e a realidade do ensino-aprendizagem de LE encontrada por nós no ensino médio e superior da cidade de Jataí. Pretendíamos também, diagnosticar alguns problemas encontrados no processo de aprendizagem da escrita em LE.

Resultados

Apresentamos, nesta seção, os resultados obtidos no estudo, que se encontra em fase final. É importante ressaltar que não orientamos os alunos com relação às teorias sobre a afetividade na aprendizagem de LE. Os dados obtidos se baseiam nas opiniões que os mesmos possuem sobre esses tópicos. Vale lembrar, também, que a nossa intenção não foi somente estudar os fatores afetivos desses alunos, mas relacioná-los com a maneira com que nós, professores, trabalhamos a escrita em inglês como uma LE, para, daí, ao demonstrarmos os mecanismos afetivos que ocorrem na escrita de textos em LE e na correção feita pelo professor, oferecermos sugestões e dados que possam contribuir no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Para maior clareza dos fatores afetivos identificados e analisados, dispusemos na tabela abaixo os fatores afetivos que levamos em conta, considerando o contexto de ensino/aprendizagem de LE:

Tabela 1 – Fatores Afetivos relacionados à escrita em Língua Estrangeira

Fatores Afetivos relacionados a escrita em Língua Estrangeira
1. Motivação
2. Ansiedade

Como instrumento de coleta de dados, aplicamos aos sujeitos de pesquisa dois questionários com proposições que deveriam ser respondidas e marcadas pelos alunos em uma escala *Likert*ⁱ, para que pudéssemos identificar as impressões dos nossos participantes acerca da relação entre os fatores afetivos e a aprendizagem da escrita em língua inglesa. O primeiro questionário aplicado, composto de quarenta proposições, foi respondido por trinta e um alunos, sendo eles: três participantes do 6º período de Letras com licenciatura em Inglês de uma universidade federal, (doravante turma A) e vinte e oito participantes do Ensino Médio (doravante turma B). O segundo questionário respondido pelos participantes era composto por vinte e duas proposições. Faremos, abaixo, o agrupamento desses dados

obtidos, analisando primeiro as impressões dos alunos acerca da motivação, e em seguida a respeito da ansiedade.

A *motivação* pode ser aqui definida como “impulsos internos ou a desejos em relação a um objetivo” (BROWN, 1994). Assim, a motivação se mostra como um importante fator na aprendizagem dos alunos e pode influenciá-la ou não dependendo da existência ou ausência dela em cada aprendiz. Para Williams e Burden (1997), a motivação é composta de fatores como o interesse, a curiosidade e o desejo de se conseguir algo. Sem esses componentes inclusos na motivação, ainda segundo os autores, a aprendizagem não ocorre. O que ocorre é a desmotivação, que segundo Krashen (1988), é a ausência de motivo espontâneo, no caso específico do aprender uma nova língua. Essa desmotivação ocorre também, frequentemente, pela frustração de não se ter alcançado proficiência através do estudo formal ou pelo insucesso em sistemas de avaliação (exames, notas, etc.). Experiências anteriores de resultados negativos podem desencorajar o aluno para uma nova tentativa. Aquele que não se identifica com a cultura estrangeira, - ou que às vezes até a despreza, - normalmente por falta de informação a respeito da mesma, estará também desmotivado para aprender essa língua.

Na concepção de Scarcella e Oxford (1992), os aprendizes de língua bem-sucedidos têm atitudes positivas quanto à escrita em LE. Especificamente em relação à escrita em LE, McLeod (1987) expõe dois tipos de motivação: a extrínseca e a intrínseca. Fatores de motivação extrínseca seriam: agradar o professor, conseguir boas notas, obter sucesso profissional etc. Os fatores de motivação intrínseca são o envolvimento individual (a busca por uma aparência de pessoa inteligente) e o envolvimento com a própria tarefa em si (MCLEOD, 1987).

Através das proposições dos questionários respondidos pelos alunos, conseguimos verificar algumas informações importantes sobre a motivação (ou a ausência dela) que pode facilitar ou dificultar o processo de aprendizagem de escrita em LE. De acordo com os dados coletados, pudemos observar que a maioria dos alunos possui forte motivação para aprender a escrever em inglês.

Eu gostaria de aprender a escrever em inglês.

Porcentagem de alunos que concordam com a proposição: 100%

Exemplo 1 – Turma A – Questionário 1

Escrever bem em inglês será necessário para meu futuro,
principalmente na área profissional.

Porcentagem de alunos que concordam com a proposição: 100%

Exemplo 2 – Turma A – Questionário 1

Conforme podemos observar nos exemplos acima, os alunos participantes possuem grande motivação para aprender inglês. Foi possível perceber que a maioria dos alunos tem uma motivação extrínseca para a aprendizagem da escrita. A motivação extrínseca é também chamada de instrumental. Para Ellis (1998), motivação instrumental é aquela que leva o aluno a aprender uma segunda língua devido a uma razão funcional, como a conquista de um emprego, uma promoção, ou a admissão a um curso de graduação ou pós-graduação, etc, como pudemos perceber nos nossos participantes.

Mas pudemos perceber que, apesar do percentual absoluto de participantes que afirmaram querer aprender a escrita na LE, as outras questões dos questionários elucidaram outras variáveis que interferem nas suas razões para a aprendizagem. Detectamos que também existe a falta de motivação nos alunos para aprenderem a escrever em inglês. Isso se confirma com os exemplos 3 e 4, que se seguem abaixo:

Eu geralmente tenho vontade de não escrever em inglês.

Porcentagem de alunos que concordam com a proposição: 51%

Exemplo 3 – Turma B – Questionário 2

Durante as aulas de inglês, eu me pego pensando em coisas que nada têm a ver com a disciplina.

Porcentagem de alunos que concordam com a proposição: 67%

Exemplo 4 – Turma A – Questionário 2

Não somos capazes de dizer com certeza o porquê dessa desmotivação, se é pela frustração de não terem alcançado ainda a proficiência desejada ou pelo insucesso em experiências de avaliação anteriores. Cabe aos professores prestar atenção em suas aulas, e fazerem com que elas sejam sempre interessantes e criativas. Cabe a eles, também, se policiarem para não serem o motivo da frustração dos alunos.

Contudo, independentemente de a motivação ser intrínseca ou extrínseca, para o processo de ensino e aprendizagem, o que vale mais é o fato de o aluno estar motivado, e não os rumos dessa orientação, conforme ressalta Figueiredo (2005).

Passamos, agora, a tratar da ansiedade na aprendizagem da escrita em LE, conforme as impressões dos nossos participantes. Ao falarmos de ansiedade, nos referimos,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí

8ª Semana de Licenciatura: O professor como protagonista do processo de mudanças no contexto social
Trabalho Completo.

Motivação e ansiedade: a afetividade no processo de escrita em língua inglesa

comumente, a sentimentos como preocupação, apreensão, nervosismo e desconforto. Como explicitado por Oxford (1999), e pode ocorrer como a resposta individual a uma determinada situação (como, no caso do nosso estudo, escrever em uma LE), ou pode se constituir como uma característica permanente da personalidade do indivíduo (OXFORD, 1999). É possível, ainda, que a ansiedade aja como debilitadora, tornando-se um empecilho ao desempenho linguístico do aluno, ou como facilitadora, deixando-o mais alerta aos eventos de aprendizagem (BROWN, 1994).

A aprendizagem de uma LE na maioria das vezes é um processo que gera muita ansiedade para os aprendizes e a sala de aula é um local que se torna bastante propício a isso (MASTRELLA, 2005). A ansiedade que nos cabe aqui é denominada *ansiedade linguística*, e é caracterizada pela presença de medo ou apreensão que ocorre quando o aprendiz tem de se expressar na LE (MACINTYRE e GARDNER, 1989). Para Horwitz apud Mastrella (2005), o aprendiz de LE é submetido a correções e avaliações e é justamente essa atmosfera que traz sentimentos de frustração, tensão e incapacidade, quase sempre ligados à ansiedade.

Abaixo, seguem alguns exemplos retirados das turmas nas quais a pesquisa foi realizada.

Eu não entendo porque algumas pessoas ficam tão apreensivas durante as aulas de inglês.

Porcentagem de alunos que concordam com a proposição: 88%

Exemplo 5 – Turma B – Questionário 2

Eu me sinto mais tenso e nervoso nas aulas de inglês do que em outras aulas (outras matérias).

Porcentagem de alunos que discordam com a proposição: 72%

Exemplo 6 – Turma B – Questionário 2

Durante as aulas, eu fico tão nervoso que esqueço o que sei, e não consigo escrever.

Porcentagem de alunos que concordam com a proposição: 67%

Exemplo 7 – Turma A – Questionário 2

Eu me sinto em pânico quando tenho que produzir um texto em inglês sem ter me preparado antes.

Porcentagem de alunos que concordam com a proposição: 67%

Exemplo 8 – Turma A – Questionário 2

Segundo Scarcella e Oxford (1992), a ansiedade do aluno pode ser aumentada dependendo de como se dá a interação professor-aluno. Se levamos em conta essa afirmação, podemos dizer que em parte da turma B, a interação entre professor-aluno está acontecendo de uma boa forma, já que alguns alunos não se sentem nervosos ou ansiosos, nem sequer entendendo como alguém pode se sentir assim na disciplina de língua inglesa. Por outro lado, um percentual alto dos alunos de ensino médio afirmou se sentir mais nervosos em inglês do que em outras disciplinas, o que levanta a questão de quais seriam as causas desse nervosismo: preocupação com notas? Preocupação com o vestibular? Experiências anteriores desagradáveis?

A maioria dos alunos da turma A, que estão no ensino superior, e por isso poderiam ser menos ansiosos, por terem tido mais contato com a língua, ainda não têm segurança suficiente para escreverem durante as aulas, como vemos nos exemplos 29 e 30. Talvez isso aconteça porque a atmosfera da sala de aula não esteja sendo favorável para esses alunos, ou porque eles ainda não têm conhecimento suficiente da língua em questão, o que não deveria acontecer, já que estão numa fase do curso em que saber bem a língua é extremamente necessário para dar prosseguimento à sua formação profissional. O próprio fato, porém, de estarem já numa licenciatura, e, portanto, ingressando no mercado de trabalho, pode se constituir num fator agravante para a ansiedade desses alunos. Saber o que é esperado do profissional de ensino de línguas estrangeiras, e considerar-se alguém desse ideal, pode ser uma variável que comprometa sua calma para a aprendizagem da escrita, tornando-os mais ansiosos do que a turma do ensino médio.

Para parte da turma B a ansiedade não é um fator que atrapalha o aprendizado, já para outros alunos (e provavelmente alguns dos mesmos que afirmaram não perceber razão para apreensão nas aulas de inglês), o contato com a língua estrangeira gera mais tensão do que o estudo de disciplinas em língua materna. Na turma A, a ansiedade se faz mais presente, e segundo os alunos pode comprometer seu aprendizado e desempenho na escrita em língua estrangeira.

Conclusões

Nesta pesquisa, demos voz a alguns alunos para expressarem suas impressões acerca dos fatores afetivos presentes na aprendizagem do inglês como uma LE, mais especificamente a motivação e a ansiedade.

Observando os dados analisados, somos capazes de concluir que os fatores afetivos são de extrema importância para a aprendizagem de LE, conforme a literatura lida (ASSIS, 2005; RICHARD-AMATO, 1988; DAMASIO, 1994; FIGUEIREDO, 2005; ALMEIDA, 1999 e outros) e o que temos percebido até agora, no nosso estudo.

Os participantes da nossa pesquisa se mostraram aprendizes que possuem motivações instrumentais acerca do inglês, ou seja, pensam que o conhecimento de uma segunda língua poderá ajudar na conquista de um futuro bom emprego. Além dessa motivação extrínseca dos aprendizes, faz-se mister que os professores busquem motivá-los sempre, fazendo, para tanto, aquilo que está ao seu alcance. Um fator que pode, sem dúvida, contribuir para que os alunos tenham maior motivação em relação à escrita é a escolha dos tópicos (SCARCELLA e OXFORD, 1992), pois os alunos se sentirão mais motivados a escrever sobre assuntos que sejam do seu interesse.

Alguns dos participantes se mostraram com pouca ansiedade, ou seja, não se sentiram nervosos ao produzir textos escritos em língua inglesa. Vemos essa postura calma como benéfica para seu processo de aprendizagem. Por outro lado, vimos muitos participantes, especialmente no ensino superior, que apresentaram um grau alto de apreensão e desconforto com a escrita na língua-alvo. É necessário que juntos, professores e alunos, busquem formas de diminuir esses sentimentos negativos que podem se tornar barreiras para a aprendizagem e o bom desempenho na escrita em LE. O próprio fato de conversar com os alunos a esse respeito pode contribuir para que a situação de tensão gerada pelo desafio da escrita em inglês seja amenizada.

Concluimos reafirmando que o domínio afetivo não pode ser dissociado do cognitivo. Pelo contrário, “é recomendável que se olhe para o domínio afetivo no intento de obter uma compreensão mais completa da aquisição de segunda língua.” (ASSIS, 2005, p.92). Assim, conseguiremos cada vez mais compreender os complexos fatores que ajudam na aprendizagem de LE, e poderemos tornar esse processo mais agradável e eficaz para nossos alunos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. R. S. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1999.

ARNOLD, J.; BROWN, H. D. A map of the terrain. In: ARNOLD, J. (Ed.). *Affect in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 1-24.

ASSIS, N. A. do. L. de. Explorando a auto-estima na aquisição de segunda língua. In: MELLO, H. A. B. de; DALACORTE, M. C. F. (org.) *A sala de aula de língua estrangeira*. Goiânia, Goiás: Editora da UFG, 2005. p. 89-114.

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. New Jersey: Prentice-Hall, 1994.

BURDEN, Robert L.; Marion Williams. *Psychology for Language Teachers*. Cambridge. Cambridge University Press, 1997.

DAMASIO, A. *Descartes' error: emotion, reason and the human brain*. New York, Avon, 1994.

ELLIS, R. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. *Semeando a interação: a revisão dialógica de textos escritos em língua estrangeira*. Goiânia, Goiás: Editora da UFG, 2005.

KRASHEN, S. D. *Second language acquisition and second language learning*. Prentice-Hall International, 1988.

MACINTYRE, P. D.; GARDNER, R. C. Anxiety and second-language learning: toward a theoretical clarification. *Language Learning*, v. 39, n. 2, p. 251-275, 1989.

MASTRELLA, M. R. Ansiedade e crenças: considerações sobre a afetividade em sala de aula de língua inglesa, p. 115-153. In: MELLO, H. A. B. de & DALACORTE, M. C. F. (org.) *A sala de aula de língua estrangeira*. Goiânia, Goiás: Editora da UFG, 2005.

MCLEOD, S. Some thoughts about feelings: the affective domain and the writing process. *College Composition and Communication*, v. 38, n. 4, p. 426-435, 1987.

OXFORD, R. L. Anxiety and the language learner: new insights. In: ARNOLD, J. (Ed.). *Affect in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 50-67.

RICHARD-AMATO, P. *Making it happen: interaction in the second language classroom*. New York, Longman, 1988.

SCARCELLA, R. C.; OXFORD, R. L. *The Tapestry of Language Learning*. Boston. Heinle & Heinle Publishers, 1992.

SCHUMANN, J. *The neurobiology of affect in language*. Boston: Blackwell, 1997.

ⁱ “A escala Likert consiste tipicamente de um conjunto de enunciados que expressam alguma afirmação sobre o objeto atitudinal, seguido cada enunciado de alternativas que indicam o grau de concordância ou discordância de cada respondente em relação ao seu conteúdo.” (Omote, 1998, s/p)